

Música
21 Fevereiro 2011

Portrait Steve Reich I

Remix Ensemble Casa da Música

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Direcção musical Bradley Lubman
Violoncelo Filipe Quaresma

Charles Wuorinen

Concerto de câmara para violoncelo e 10 instrumentos (1963)

Steve Reich

City Life (1994)

1. *Check it out*
2. *Pile driver/alarms*
3. *It's been a honeymoon – can't take no mo'*
4. *Heartbeats/boats and buoys*
5. *Heavy smoke*

(intervalo)

Seg 21 de Fevereiro

21h30 · Grande Auditório · Duração: 1h15 com intervalo · M12

John Adams

Sinfonia de Câmara (1995)

1. *Mongrel Airs*
2. *Aria with Walking Bass*
3. *Roadrunner*

Charles Wuorinen

Nova Iorque, 9 de Junho de 1938

Concerto de câmara para violoncelo e 10 instrumentistas, em cinco andamentos

Charles Wuorinen é considerado, desde há meio século, um estandarte do modernismo na música dos Estados Unidos. Nasceu em Nova Iorque e começou a compor com apenas cinco anos de idade, vindo a receber prémios atribuídos pela Columbia University, onde estudou. Pianista e maestro de grande talento, foi um dos fundadores do Group for Contemporary Music, em 1962, agrupamento ao qual ficou associado durante largos anos. Simultaneamente, leccionava na Columbia University e na Manhattan School of Music, vindo posteriormente a ocupar um lugar como Catedrático na Rutgers University, em New Jersey; o seu livro teórico *Simple Composition* ainda é muito utilizado no meio académico. Apesar de ter sido muito crítico do conservadorismo das orquestras e da forma como estas eram geridas, foi compositor em residência da Sinfónica de San Francisco, entre 1985 e 1989, e recebeu encomendas de algumas das mais prestigiadas orquestras norte-americanas. O seu catálogo, que inclui mais de 250 obras, contém óperas, bailados, uma oratória, música electroacústica, bem como música de câmara para as mais variadas combinações de instrumentos. Wuorinen recebeu inúmeros galardões, incluindo um Pulitzer Prize e uma MacArthur Fellowship, tendo a maior parte das suas obras gravadas. Embora a sua música tenha evoluído ao longo dos anos, podemos denotar a influência dominante de dois imigran-

tes nos Estados Unidos, Schönberg e Stravinski, bem como uma ascendência directa do uso da técnica serial dos doze sons na linha do recentemente falecido Milton Babbitt. Sumariamente, uma música que combina rigor de construção num embrulho dinâmico e brilhante.

O *Concerto de câmara para violoncelo* de Wuorinen pertence a um grupo de obras da juventude com título semelhante, reflectindo uma concepção de virtuosismo dentro de um contexto contemporâneo. Foi escrito na primeira metade de 1963 e estreado no mês de Janeiro do ano seguinte. Nessa ocasião, Robert Martin foi solista com o Group for Contemporary Music sob a direcção de Arthur Bloom. Mais tarde, a obra foi alvo de uma gravação com Fred Sherry como solista, numa versão dirigida pelo próprio compositor. A parte solista, do violoncelo, é confrontada a dois grupos de instrumentos: um melódico, com flauta, oboé (e corne inglês), clarinete (e clarinete baixo), fagote, violino e viola; o outro proporcionando uma secção rítmica com dois percussionistas, piano (tocado directamente nas próprias cordas e no teclado) e contrabaixo.

O *Concerto* está dividido em cinco andamentos, todos eles com uma pulsação de duas colcheias por segundo; são tocados sem qualquer interrupção entre eles, durando no seu conjunto cerca de 17 minutos. Segundo o próprio Wuorinen, cada andamento “enquadra o solista numa luz distinta”. No primeiro, o violoncelo sobressai na “convencional bravura” de solista; no seu virtuosismo, conduz o andamento a um clímax em *fortissimo*. No segundo andamento,

mais lento, o solista lidera uma série de cânones a quatro vozes, separados por interlúdios onde só o ensemble toca. No terceiro andamento – que começa com o violoncelo a tocar as mesmas notas em *pizzicato* do início do andamento precedente –, o ensemble responde mais livremente, começando por reagir como uma câmara de ressonância, ecoando depois a linha do solista a uma maior distância; mais tarde, a técnica imitativa estende-se à citação de passagens anteriores da obra. No quarto andamento, o violoncelo transforma-se no líder de pequenos grupos de instrumentos concertantes, os quais têm como pano de fundo instrumentos que tocam num tempo mais lento. O último andamento parece resumir tudo o que aconteceu anteriormente mas na ordem inversa. Inicialmente quadruplicando a velocidade inicial, depois desacelerando gradualmente, até encontrar o registo primordial, o qual se torna mais lento para a conclusão final.

Steve Reich

Nova Iorque, 3 de Outubro de 1936

City Life

Steve Reich é, desde há muitos anos, uma figura de proa entre os compositores norte-americanos designados por “minimalistas”, os quais trabalham motivos muito simples em estruturas repetitivas. Nasceu há 75 anos, em Nova Iorque, tendo passado a infância entre a sua cidade natal e a Califórnia. Estudou Filosofia na Cornell University mas posteriormente especializou-se em música, na classe do compositor Hall Overton, na Juilliard School, e com Luciano Berio, na

Califórnia. Igualmente importantes foram os seus encontros com o experimentalista Terry Riley e os seus trabalhos no estúdio de electroacústica. Os estudos que realizou mais tarde em percussão africana, em gamelão da Indonésia (Bali) e em cânticos hebraicos, foram determinantes.

As primeiras obras de Reich tinham por base a repetição de uma unidade (uma palavra gravada ou uma frase), a qual se movia gradualmente ficando dessincronizada e, dessa forma, criava uma sucessão de padrões diferentes. Mais tarde desenvolveu outras técnicas em que o processo composicional é perfeitamente audível, criando obras de maior dimensão.

Ao deparar-se com a pouca aceitação que as orquestras e o próprio público tinham das suas obras, fundou o seu próprio agrupamento ao qual chamou Steve Reich and Musicians e com o qual fez inúmeras digressões. Ao contrário do seu contemporâneo e antigo colaborador Philip Glass, Reich raramente escreveu para orquestras sinfónicas e nunca escreveu para uma companhia de ópera tradicional; as suas incursões no teatro resultaram em documentários com música ao vivo e vídeos realizados pela sua mulher Beryl Korut. As suas obras mais recentes tornaram-se mais livres do ponto de vista estrutural, harmonicamente mais ricas, retendo simultaneamente o seu mundo sonoro distinto e facilmente reconhecível.

O facto de *City Life* (1994/95) ser o resultado de uma encomenda conjunta de ensembles europeus de grande prestígio, nomeadamente o Ensemble Modern, a London Sinfonietta e o

Ensemble Intercontemporain, atesta o reconhecimento internacional que o compositor alcançou na década de noventa. A estreia coube ao último desses ensembles e decorreu em Metz, em Março de 1995, sob a direcção de David Robertson. A primeira gravação, lançada no ano seguinte, foi feita pelo The Steve Reich Ensemble sob a direcção de Bradley Lubman (maestro que dirige o concerto esta noite). A instrumentação é para um par de flautas, oboés e clarinetes, dois pianos, dois teclados digitais, dois vibrafones, percussão sem altura definida, quarteto de cordas e contrabaixo. Todos os instrumentos, excluindo a percussão, são amplificados. Os teclados digitais são programados de forma que diferentes teclas reproduzem sons previamente gravados – uma forma muito mais precisa e complexa do que as que anteriormente dependiam de fitas gravadas. Neste caso, as gravações foram maioritariamente feitas pelo próprio compositor em Nova Iorque e resultam de excertos de voz falada, de sons da rua, do metro e do rio. O próprio compositor descreveu a utilização destes sons na tradição das buzinas dos táxis de Gershwin, das sirenes de Varèse, das hélices de aviões de Antheil, ou dos rádios de John Cage. Mas os excertos de voz falada fazem lembrar, igualmente, as primeiras obras de Reich, tais como *It's Gonna Rain* e *Come Out*.

City Life dura cerca de 24 minutos, consistindo em cinco andamentos contínuos organizados na forma de um arco simétrico. O primeiro começa e acaba com um coral, e no meio inclui sons gravados de automóveis (entre eles

uma porta a bater e uma derrapagem), juntamente com sons de autocarros e de portas do metro, mas sobretudo de uma frase falada: “Check it out” – cujo ritmo e contorno originam padrões instrumentais complexos e em transformação contínua, com mudanças de tonalidade e textura. O segundo andamento é marcado por um ritmo regular do som gravado de um bate-estacas (usado em construção civil), o qual aumenta de velocidade enquanto alarmes de automóveis se tornam gradualmente mais insistentes: Reich referiu-se a este andamento, que progride para um registo sombrio, como sendo “a mecanização do filme de Charlie Chaplin *Modern Times*”. A frase “It’s been a honeymoon”, gravada durante uma manifestação em frente à Câmara Municipal de Nova Iorque, anuncia o terceiro andamento e as suas sílabas dão origem a enérgicos padrões rítmicos; mais tarde, uma outra frase, “Can’t take no mo’”, é acrescentada à ‘mistura’. O quarto andamento espelha o segundo no processo de acelerar padrões rítmicos, desta vez o de um ritmo cardíaco; este é acompanhado por sons vindos do rio, nomeadamente de sirenes de navios e da campanha de um sinalizador. O último andamento remete-nos para o universo harmónico e a construção episódica do primeiro, mas desta feita com discursos de brigadas de bombeiros e da polícia, bem como sirenes que ilustram um cenário urbano tenso – o qual não é totalmente dissipado pela entrada final do coral inicial.

Frases gravadas:
Check it out
It's been a honeymoon
Can't take no mo'

*Heavy smoke
stand by, stand by
It's full 'a smoke
urgent!
Guns, knives or weapons on ya'?
Wha' were ya' doin'?
Be careful
where you go*

John Adams
Worcester, 15 de Fevereiro de 1947

Sinfonia de Câmara

Nas décadas de 60 e 70 do século XX, o cenário da 'Nova Música' norte-americana estava dividido de acordo com facções opostas e identificáveis de acordo com a sua localização na cidade de Nova Iorque, a quais se designavam por "uptown" e "downtown". "Uptown" era modernista, habitualmente serial, associada a salas de concerto formais e muito especialmente a universidades e aos seus departamentos de música, encontrando um exemplo brilhante na figura de Charles Wuorinen (um dos fundadores da American Society of University Composers, em 1966). "Downtown" era experimental e atraía praticantes de outras formas de arte, ganhava forma em galerias e outros espaços privados: Steve Reich pertencia a esta facção, senão mesmo à sua face mais radical inspirada em John Cage. John Adams, nascido e criado em New England, clarinetista e compositor desde tenra idade, estudou na Universidade de Harvard em Massachusetts, na tradição académica da "uptown". No entanto, ao sentir um desfasamento crescente entre a música popular que o rodeava e as

matérias que estudava mudou-se para a Califórnia, onde ficou identificado com a corrente "downtown" do minimalismo. No entanto, da mesma forma que rejeitara a rigidez do serialismo, cedo recusou a rigidez sistemática do minimalismo. Desta forma, decidiu seguir a simplicidade harmónica e as técnicas de repetição minimalistas de uma forma mais livre e intuitiva, abrindo-se a diversas influências da música clássica, popular e tradicional. O resultado mostrou-se muito apelativo para o chamado grande público, o qual, na verdade, se tinha mantido indiferente às duas correntes da "uptown" e da "downtown".

Adams tornou-se consultor musical da Sinfónica de San Francisco e mais tarde seu compositor em residência (um lugar no qual foi sucedido por Wuorinen). Ganhou reputação mundial como compositor de obras de grande dimensão para orquestra sinfónica, bem como de óperas inspiradas em acontecimentos históricos recentes – a par de uma grande reputação como maestro (não do seu próprio agrupamento, como nos casos de Wuorinen ou Reich) de grandes orquestras mundiais.

A panóplia de referências musicais de John Adams é de tal forma extensa que cada obra nova sua tende a fazer uma nova síntese de diferentes tradições. Um exemplo muito interessante é a sua *Sinfonia de Câmara*, escrita no segundo semestre de 1992 para o San Francisco Contemporary Music Players (se bem que tenha sido estreada em Haia pelo Schönberg Ensemble, sob a direcção do próprio compositor, em Janeiro de 1993). Após aceitar a encomenda desta obra para ensemble, Adams questionou-se

sobre a forma de manipular uma formação que requeria um tratamento mais solístico e contrapontístico do que as orquestras que proporcionavam as grandes massas sonoras às quais estava habituado. Certo dia, estava a estudar a partitura da *Sinfonia de Câmara* op. 9, de Schönberg, escrita em 1906, ao mesmo tempo que o seu filho de sete anos de idade via desenhos animados da década de cinquenta na sala ao lado. O seu prefácio à partitura da *Sinfonia de Câmara* descreve o momento de inspiração: "As partituras hiperactivas, insistentemente agressivas e acrobáticas dos desenhos animados misturaram-se na minha cabeça com a música de Schönberg, também ela hiperactiva, acrobática, mas não agressiva, e tomei consciência das coisas que estas duas tradições distintas partilhavam." A obra resultou numa instrumentação ligeiramente maior do que a da partitura de Schönberg: flauta (e piccolo), oboé, dois clarinetes (também clarinete em Mi bemol e clarinetes baixo) e dois fagotes (com contrafagote); trompa, trompete e trombone; sintetizador; percussão; violino, viola, violoncelo e contrabaixo. Tem as texturas com múltiplas linhas, o virtuosismo individual, e o sentido contínuo de movimento numa direcção do modelo schönberguiano; e a sua linguagem inclina-se para um maior cromatismo do que a maior parte das partituras de Adams. Mas a alusão aos desenhos animados de Hollywood junta referências do jazz e da música de dança, acrescentando uma energia inimaginável à obra.

Ao contrário da obra de Schönberg, num só andamento, a *Sinfonia de Câmara* de John Adams tem três andamentos

separados, durando cerca de 22 minutos. O primeiro intitula-se *Mongrel Airs*, naquela que é uma resposta indirecta ao crítico britânico que considerou que a música de Adams não tinha *pedigree* ('Mongrel' significa mestiço). Tem início com uma pulsação regular a grande velocidade, introduzindo vários tipos de materiais. O segundo andamento sucede como um quase contínuo *Walking Bass* (um movimento regular, em notas de igual duração, da linha do baixo) em colcheias. Sobre esse baixo, o trombone toca uma melodia, à qual se junta o trompete. O *finale* recolhe o seu nome de um personagem célebre dos desenhos animados, *Roadrunner* (o veloz Bip-Bip), e cria a sensação de uma perseguição contínua; perto do final, o violinista sobressai como solista, libertando-se da pulsação regular da percussão como se se refugiasse num lugar escondido antes de regressar ao tempo inicial do andamento.

Anthony Burton © 2011
Tradução de Rui Pereira



Bradley Lubman

direcção musical

O maestro e compositor norte-americano Bradley Lubman tem uma carreira multifacetada. Foi Maestro Assistente de Oliver Knussen no Tanglewood Music Center entre 1989 e 94, e desde então emergiu como um maestro invulgarmente versátil à frente de orquestras e ensembles de todo o mundo. Trabalhou com uma grande variedade de figuras musicais ilustres incluindo Pierre Boulez, Luciano Berio, Steve Reich, Michael Tilson Thomas e John Zorn.

Os compromissos de Brad Lubman como maestro convidado levaram-no a dirigir importantes orquestras como as Sinfónicas das Rádios Finlandesa e Sueca, Orquestra de Câmara Holandesa, Filarmónica da Radio France, Sinfónica SWR da Rádio de Estugarda, Filarmónica de Dresden, Sinfónica da Rádio de Frankfurt, Sinfónica de Chicago, American Composers Orchestra, New World Symphony, Orquestra do Festival de Ojai e Orquestra de Câmara St. Paul, com um amplo repertório cobrindo obras orquestrais desde o período

Clássico até aos nossos dias. Trabalhou também com alguns dos mais importantes agrupamentos de música contemporânea europeus e americanos, incluindo o Ensemble Modern de Frankfurt, ASKO Ensemble de Amesterdão, London Sinfonietta e musikFabrik de Colónia, na Europa, bem como o Los Angeles Philharmonic New Music Group, Boston Symphony Chamber Players e Steve Reich and Musicians.

Na temporada de 2010/2011, Bradley Lubman prossegue a sua colaboração com a Deutsches Symphonie-Orchester de Berlim e regressa ao Ensemble Modern e à Radio Kamer Filharmonie. Estreia-se com o Klangforum Wien no festival Wien Modern, com o Remix Ensemble no Porto e ainda com a Orquestra da Rádio Bávara em Munique.

Em Maio de 2008, o grupo de música contemporânea do próprio Bradley Lubman, Signal, estreou-se oficialmente no Festival de Ojai e foi elogiado pelo *New York Times*. Sedeado em Nova Iorque, o Signal dedica-se à apresentação de uma gama alargada de nova música com energia, paixão e virtuosismo.

Bradley Lubman é Professor Associado de Direcção e Ensembles na Eastman School of Music em Rochester, Nova Iorque, onde dirige o ensemble Musica Nova desde que ingressou na instituição em 1997. É também membro do Bang-on-a-Can Summer Institute.

As composições de Bradley Lubman têm sido interpretadas nos EUA e Europa por vários agrupamentos prestigiados. O primeiro CD dedicado à sua obra foi editado pela Tzadik de John Zorn. Gravou também para a BMG/RCA, Bridge, CRI, Centaur, Koch, New World e Nonesuch.



Filipe Quaresma

violoncelo

Filipe Quaresma iniciou os estudos musicais na Covilhã, tendo tido como primeiro professor de violoncelo Rogério Peixinho. Mais tarde estudou violoncelo em Londres e Florença com David Strange, Mats Lidstrom e Natalia Gutman. Participou em *masterclasses* com Colin Carr, Zara Nelsova, Frans Helmerson, Anssi Karttunen e Luís Sá Pessoa, entre outros.

Foi membro da Orquestra de Jovens da União Europeia e tocou como músico convidado na Orquestra Sinfónica de Londres, Sinfónica da BBC e London Sinfonietta, com as quais se apresentou nas mais prestigiadas salas europeias.

Obteve primeiros prémios em vários concursos nacionais, e foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, Royal Academy of Music e Suggia Scholarship. Em 2010 obteve o Prémio Valter Boccacini da Scuola di Musica di Fiesole.

Para além de manter uma intensa actividade como solista, é primeiro violoncelo da Orquestra Barroca da Casa da Música e violoncelista do Darcos

Ensemble. Colabora regularmente com o Remix Ensemble Casa da Música.

Em 2010, a Royal Academy of Music de Londres concede-lhe o prestigiado título de Membro Associado “ARAM”.

Lecciona na Escola Profissional de Música de Viana do Castelo e na Escola Superior de Música e das Artes do Espetáculo do Porto.

Remix Ensemble

Casa da Música

Peter Rundel, maestro titular

O Remix Ensemble é o agrupamento de música contemporânea da Casa da Música. Desde a sua formação em 2000 já apresentou em estreia absoluta mais de setenta obras. O eclectismo do seu repertório estende-se em incursões pela música cénica, acompanhamento de filmes, dança e jazz, a par da promoção de numerosos *workshops* com compositores como António Pinho Vargas, Brice Pauset, Emmanuel Nunes, Frédéric Durieux, Heiner Goebbels, Iris ter Schiphorst, James Dillon, Magnus Lindberg, Mark-Anthony Turnage, Luís Tinoco, Georges Aperghis, Helmut Lachenmann, Bernhard Lang, Matthias Pintscher, Harrison Birtwistle, David Horne, Wolfgang Mitterer, Hans Abrahamsen, Karin Rehnqvist e Jonathan Harvey. Até ao presente, já dirigiram o Remix Ensemble os maestros Stefan Asbury, Ilan Volkov, Kasper de Roo, Pierre-André Valade, Rolf Gupta, Peter Rundel, Jonathan Stockhammer, Jurjen Hempel, Matthias Pintscher, Franck Ollu, Reinbert de Leeuw, Diego Masson, Emilio Pomarico e Paul Hillier, entre outros.

No plano internacional, o Remix Ensemble apresentou-se em Valência, Roterdão, Huddersfield, Barcelona, Estrasburgo, Paris, Orleães, Bourges, Reims, Antuérpia, Madrid, Budapeste, Norrköping, Viena, Witten, Berlim, Amesterdão e Bruxelas. Em 2008 interpretou em estreia mundial a ópera *Das Märchen*, e em 2009 a peça de teatro musical *La Douce*, de Emmanuel Nunes. Em 2010 apresentou-se na Fundação Gulbenkian, em Lisboa, no Grand Théâtre de Reims, no IRCAM – Grande Salle du Centre Pompidou e na Cité de la Musique, em Paris, no Festival Ars Musica, em Bruxelas, no Théâtre de Nîmes, no Festival Musica de Estrasburgo, em Saint-Quentin-en-Yvelines, na Konzerthaus de Viena, no Muziekgebouw de Amesterdão e no de Singel, em Antuérpia.

Em 2011 apresenta-se no Wiener Festwochen (Viena) e no Festival Agora (IRCAM – Paris). Entre as obras interpretadas em estreia mundial incluem-se duas encomendas a Wolfgang Rihm, Compositor em Residência 2011 na Casa da Música. No último trimestre do ano, o projecto *The Ring Saga*, com música de Richard Wagner adaptada por Jonathan Dove, leva o Remix Ensemble ao Festival Musica de Estrasburgo, Cité de la Musique em Paris, Saint-Quentin-en-Yvelines, Théâtre de Nîmes, Le Théâtre de Caen, Grand Théâtre du Luxembourg e Grand Théâtre de Reims.

Distinguido regularmente pela crítica nacional e internacional (*Financial Times*, *Le Monde de la Musique*, *El País*, *Standaard* Antuérpia, *Klassik* Alemanha, *Amadeus* Itália, *Público*, entre outros), o Remix tem oito discos editados. Em 2004 foi lançado o primeiro CD duplo

com gravações ao vivo e em estúdio de obras de Pauset, Azguime, Côte-Real, Peixinho, Dillon, Staud e Nunes, estando já disponíveis registos dedicados a obras de Emmanuel Nunes (editoras Numérica e Westdeutscher Rundfunk WDR), Bernhard Lang (Villa Concordia), António Pinho Vargas (Numérica), Wolfgang Mitterer e Jorge Peixinho (Casa da Música), Klaus Ib Jorgensen (Da Capo) e James Dillon (Aeon). A gravação da ópera *Massacre* de Wolfgang Mitterer está disponível desde Setembro de 2010 (Col Legno).

A Culturgest agradece à Casa da Música a cedência dos textos incluídos neste programa.

Próximo espectáculo

© Rosa Frank

Si muero dejad el balcón abierto de Raimund Hoghe

Dança Sex 25, Sáb 26 Fevereiro

Grande Auditório · 21h30

Duração: 3h00 com intervalo · M12



Conceito e coreografia Raimund Hoghe
Colaboração artística Luca Giacomo Schulte
Cenografia e figurinos Raimund Hoghe
Desenho de luz Raimund Hoghe, Arnaud Lavis
Som Silas Bieri **Com** Ornella Balestra, Marion Ballester, Astrid Bas, Lorenzo De Brabandere, Emmanuel Eggermont, Raimund Hoghe, Yutaka Takei, Takashi Ueno, Nabil Yahia-Aïssa
Textos Federico Garcia Lorca, Johann Wolfgang von Goethe, Hervé Guibert, Marguerite Duras, Heinrich Heine, Matthias Claudius
Músicas Johann Sebastian Bach, Henry Purcell, Camille Saint-Saëns, Luigi Boccherini, Charlie Chaplin, cantos tradicionais de Espanha e Itália, músicas populares

A partir do propósito de homenagear Dominique Bagouet – fundador do Centro Coreográfico de Montpellier e coreógrafo protagonista da Nova Dança Francesa dos anos 1980, prematuramente desaparecido – o último trabalho de Raimund Hoghe (de quem a Culturgest apresentou, em anos recen-

tes, *Young People Old Voices* e *Swan Lake, 4 Acts*) desenvolve-se no sentido de uma evocação daquela década, em que era dramaturgo de Pina Bausch mas também escrevia amiúde sobre a SIDA e em que viu morrer um número considerável de jovens, entre amigos seus, desconhecidos e artistas importantes, pintores, actores, cantores, escritores, bailarinos e coreógrafos.

O título foi Raimund Hoghe buscar ao poema *Despedida*, de Federico Garcia Lorca.

Quarta-feira, 23 de Fevereiro, 18h30, Pequeno Auditório

Palestra de Raimund Hoghe sobre o seu trabalho, ilustrada com projecção de vídeos (falado em inglês)
Entrada gratuita (levantamento de senha de acesso 30 minutos antes da sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas)

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado
Gonella

Administradores

Miguel Lobo Antunes
Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos
Pietra Fraga

Direcção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez
Mariana Cardoso de Lemos
Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes
Produção
Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira
Culturgest Porto
Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira
Rita Duarte estagiária

Publicações

Marta Cardoso
Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Patrícia Blázquez
Clara Troni
Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro
Paulo Silva
Teresa Figueiredo

Direcção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino
coordenador
Paulo Abrantes
chefe de áudio
Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe
Nuno Alves

Maquinaria de Cena

Alcino Ferreira
Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho
Edgar Andrade

Recepção

Sofia Fernandes
Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real
Inês Costa Dias
Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1
Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03
culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
